

**UFRGS – INSTITUTO DE LETRAS**  
**Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa**  
**Trabalho de conclusão de Curso**

**ARGENTINO HÉLIO AHNERT**

**O PRONOME RELATIVO E SUA ANÁLISE EM LIVROS DIDÁTICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Pós-Graduação  
*Lato Sensu* – Nível Especialização –  
Gramática e Ensino de Língua Portuguesa  
do Instituto de Letras, da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.

**ORIENTADOR: Dra. Lúcia Sá Rebello**

**PORTO ALEGRE**  
**2010**

# O PRONOME RELATIVO E SUA ANÁLISE EM LIVROS DIDÁTICOS

Argentino Hélio Ahnert (Autor)  
Lúcia Sá Rebello<sup>1</sup> (Orientadora)

## Resumo:

O objetivo deste trabalho foi estudar o pronome relativo, partindo de sua origem no latim, examinando este pronome em três gramáticas da língua portuguesa e verificando sua aplicação no ensino a partir de análise em três livros didáticos, e igualmente apresentar uma estratégia de como ensinar o relativo a alunos de Ensino Médio.

**Palavras-chave:** pronome relativo, descrição gramatical, livro didático.

## Introdução

Alguém certa vez disse que “na vida prática, escrever mal prejudica mais do que falar mal.” Certamente, vamos dar razão a quem pronunciou essas sábias palavras, pois escrever bem nos ajudará a falar muito melhor. Para isso, faz-se necessário exercitarmos, sem esmorecer, a leitura de bons textos, especialmente clássicos. Textos bem escritos atraem o leitor, fazem com que ele progrida, depois, na fala. Ao falar, ele evitará certos cacoetes que são verdadeiros entraves à boa comunicação e a um falar mais eloquente. É claro que nem sempre se exigirá que a pessoa fale empregando a norma padrão; no entanto, quando esta o exigir, estará mais bem aparelhado quem se preocupou e se preparou adequadamente.

Faz parte de uma boa comunicação, tanto na escrita como na fala, empregar corretamente o pronome relativo. Empregando-o de maneira equivocada, a frase também nos comunicará um sentido enganoso, podendo, inclusive, comprometer toda uma mensagem, tornando-a obscura, dificultando sua interpretação.

As redações escolares mostram-nos a grande deficiência que os alunos de Ensino Médio têm com relação ao emprego dos pronomes. É notória a carência de produtores textuais

---

<sup>1</sup> Professora da 4ª Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS

competentes nessa fase, uma vez que o desinteresse pela leitura e a prática da escrita é significativa. A culpa, evidentemente, não é dos que ensinam, porém, cabe aos mestres insistirem para que seus alunos adquiram o gosto pela leitura de bons livros que os capacitarão a ver suas próprias transgressões e, depois de vistas, esforçarem-se para se transformar em bons leitores e escritores, o que redundará em benefício deles mesmos, capacitando-os a se tornarem melhores falantes de sua língua materna.

A razão deste artigo é esta: estudar o pronome relativo para crescermos no conhecimento e, de posse dele, aplicá-lo na sala de aula. Realizar este trabalho será muito prazeroso, visto que ampliará nosso horizonte no que tange à aquisição de uma maior conscientização da importância do estudo do relativo, sem o qual nossos enunciados serão verdadeiras aberrações, dando margem a se tornarem confusos, sem nexos, enfim, agramaticais. Não é isso que almejamos. Entretanto, é preciso, sem demora, verificar essa deficiência, a fim de que nossos alunos, razão da existência da escola, sejam portadores de um saber que vá muito além daquele que trouxeram de casa.

A construção deste estudo oportunizará aos alunos da 4ª Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino de Língua Portuguesa demonstrar o que aprenderam ao longo dele. Acreditamos que todos crescemos juntos, pois o ensino-aprendizagem não é estático, mas dinâmico: o professor aprende enquanto ensina, e o aluno ensina enquanto aprende. Tal dinâmica é digna do maior respeito por todos os envolvidos nesse processo. A cumplicidade aumentará para o benefício de todos à medida que, com responsabilidade, trocarmos experiências e, com respeito mútuo, confessarmos nossas limitações no que respeita ao ensino da nossa língua.

Esperamos que essa pesquisa seja mais uma ferramenta útil a todos os que se dedicam ao ensino da Língua Portuguesa, pois, afinal, este é também seu objetivo: dirimir as dúvidas quanto ao emprego adequado dos pronomes relativos. Tendo isso em mente, certamente iremos valorizar ainda mais as horas empregadas na discussão e análise dos textos e dos pronomes.

Na medida em que crescemos no conhecimento, crescemos também como pessoas e aprendemos a nos valorizar ainda mais por termos tido a oportunidade para alcançar tal ventura. É nossa intenção que outras pessoas também o possam adquirir. Neste sentido, somos instrumentos que conduzirão e compartilharão tal conhecimento a todo o que dele quiser se

alimentar, e, depois de digerido, passar adiante, formando, dessa forma, uma corrente ininterrupta na transmissão do saber.

Este estudo será estruturado nas seguintes seções: na seção 1. estudaremos o pronome relativo e a Língua Latina; na seção 1.1. apresentaremos uma breve história do Latim; na seção 1.2. um olhar sobre o pronome relativo na gramática latina; na seção 2. Estudaremos o pronome relativo nas gramáticas da Língua Portuguesa e nos livros didáticos; na seção 2.1. será estudado o relativo nas gramáticas da Língua Portuguesa; e na seção 2.2. o pronome relativo nos livros didáticos. Nas considerações finais apresentaremos uma estratégia de ensino do pronome relativo a alunos de Ensino Médio; e, por último, as referências bibliográficas.

## **1 O Pronome Relativo e a Língua Latina**

### **1.1 Uma Breve História do Latim**

O pronome relativo, tema desta pesquisa, será analisado à luz da Língua Latina e da gramática de Língua Portuguesa. Por isso, iremos apresentar, de maneira breve, como e onde surgiu o latim, a língua que deu origem a todas as línguas românicas. O texto desta seção é resultado de anotações feitas da disciplina História da Língua Portuguesa, ministrada aos alunos da 4ª Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Responder as perguntas “como e onde surgiu o latim?” parece não ter sido uma tarefa tão fácil para muitos linguistas. Foram vários os fatores que contribuíram para lançar luz aos estudiosos com o intuito de buscar uma resposta plausível ao questionamento do surgimento dessa língua. Dentre esses fatores, podemos citar, por exemplo, o conhecimento sobre o sânscrito, no século XVIII. Partindo de estudo de gramática comparativa e depois de observada uma série de semelhanças de estrutura e de vocabulário entre o latim, osco, umbro, as línguas célticas, o grego, as línguas eslavas (russo, polonês, etc) e, ainda, as línguas bálticas, as germânicas (inglês, alemão, etc), inclusive esta nova língua, o sânscrito, chegou-se à hipótese de uma unidade linguística comum chamada “indo-europeia”.

Pesquisas arqueológicas e linguísticas revelaram que, entre 1.400 e 1.000, houve a migração de vários grupos de povos indo-europeus para o Ocidente em direção da Bretanha e da Itália. Chegaram e dominaram aquelas regiões impondo sua língua que se modificou, aos poucos, em função dos falares locais. Foi assim, então, que chegaram à Península Itálica dois grupos indo-europeus: o latim e o osco-umbro, sendo que ao primeiro pertencem os povos que se fixaram num exíguo território à margem do Tibre – o *Latinum* – ao passo que ao segundo, os que se fixaram nas regiões da Campânia, Lucânia, Apúlia e noroeste da Itália.

Na península Itálica, falavam-se outras línguas, além do latim, tais como o osco, o umbro, o etrusco e também o grego. Sabemos, porém, que, devido às grandes conquistas militares dos romanos, o latim veio a prevalecer sobre as demais línguas.

Como idioma, o latim existia desde os tempos pré-históricos. No entanto, a partir do século III a.C., passou a adquirir uma forma literária, construindo-se aos poucos uma gramática com regras explícitas. Sua consolidação ocorreu por volta do século I a.C., que é considerado o período clássico do latim.

O latim clássico, ao qual nos referimos antes, é o latim da época dos grandes eruditos, como Cícero, César, Sêneca. Entretanto, ao lado desta língua havia o latim popular, falado pelas pessoas do povo e, principalmente, pelos soldados romanos, que participavam das guerras de conquistas.

Foi graças ao confronto desta língua com outros idiomas que se originaram as línguas românicas, como o português, o espanhol, o francês e o italiano. Uma nova fase veio com a expansão do cristianismo pelo Império Romano, a partir do século III a.C., qual seja, o período cristão da língua latina. Destacam-se, nesse período, escritores como Ambrósio, Santo Agostinho, São Jerônimo e Tertuliano. Até o início dos anos 60, esse foi o latim, com influências eclesiásticas, que mais predominou no ensino do latim em nosso meio.

Há que se distinguir o latim erudito clássico e latim eclesiástico. É preciso dizer, todavia, que não há dialetos latinos, pois as variações populares da língua se transformaram em outros idiomas autônomos. No entanto, embora não haja dialetos em latim, seu domínio sobre os outros idiomas foi tanto que, gradativamente, foi-se afirmando até se converter num poderoso instrumento de civilização. Em sua simplicidade, o latim, suplantando inclusive o grego, tornou-se a língua de cultura por excelência. O latim continuou a ser língua escrita oficial na Europa até quase o século XX. Isto dá uma amostra de sua importância civilizadora.

Foi assim, então, que, influenciado por diversos substratos lingüísticos locais, transforma-se e dá origem às línguas românicas modernas.

## 1.2 Um Olhar sobre o Pronome Relativo na Gramática Latina

Em português, o pronome relativo, mesmo desempenhando funções diferentes, conserva sempre (ou quase sempre) a mesma forma. Em latim, isso não acontece. O pronome relativo assumirá diferentes formas de acordo com a função sintática que desempenhar na oração. Portanto, esse pronome, em latim, vai ser declinado em todos os casos oblíquos e no nominativo.

O pronome relativo, em latim, terá sempre um antecedente. Esse pronome vai concordar com o seu antecedente em gênero e número. Sendo assim, o relativo latino admite flexão diferente para o singular e para masculino, feminino e neutro. O caso desse pronome dependerá da função sintática que ele estiver exercendo.

O pronome relativo, no nominativo singular, apresenta as seguintes formas: *qui*, *quae*, *quod*. Como já foi dito, nos demais casos, vai assumir a forma da função sintática que estiver exercendo. Como exemplo, podemos citar o caso ablativo masculino = *quo*; o caso dativo plural = *quibus*; o caso genitivo plural feminino = *quarum*; o caso genitivo singular = *cuius*.

Etimologicamente, o relativo *cujus* corresponde ao genitivo latino do relativo *qui*, e daí a sua função em português de adjunto adnominal restritivo, que vem a ser o adjunto que especifica, que restringe a coisa. Esse adjunto, que sempre se compõe da preposição *de*, tem função especificativa, e, na maioria das vezes, indica posse.

O latim ensina-nos a pensar. Isso nos mostra quão proveitoso é estudar essa língua. O estudo do relativo em latim nos dá clareza para compreendê-lo na língua portuguesa. Nisto repousa o grande valor de se conhecer o pronome relativo em latim. O professor que retomar o estudo do relativo na língua latina não terá dificuldade em ensiná-lo aos seus alunos, pois isso lhe dará mais segurança e lhe proporcionará maior satisfação no ensino deste conteúdo a seus alunos. É imprescindível que o professor de língua portuguesa esteja ciente disso.

Passemos, agora, ao tópico seguinte no qual iremos falar sobre o pronome relativo nas gramáticas de língua portuguesa e nos livros didáticos. Essa análise trará uma clareza ainda maior a respeito do assunto que estamos estudando.

## 2 O Pronome Relativo nas Gramáticas de Língua Portuguesa e nos Livros Didáticos

### 2.1 O Relativo nas Gramáticas da Língua Portuguesa

Antes de abordarmos esse tópico, convém lembrar o que Almeida (2000) diz a respeito do pronome relativo. Conforme o estudioso, relativo é a palavra que, vindo numa oração se refere a termo de outra. Exemplos *que*, *cujo*.

Para o pronome *qual*, diz Almeida:

Este relativo, que vem ordinariamente precedido do artigo a, tem como função pôr em relação termos iguais, isto é, unir um termo antecedente a outro termo conseqüente idêntico (antecedente = que vem antes; conseqüente = que vem depois), notando-se que o conseqüente quase sempre se omite: “O homem, o qual (homem) eu vi.” – “Os negócios dos quais (negócios) queríamos tirar proveito. (Almeida, 2000, p.166)

Quanto ao pronome *cujo*, afirma o autor:

Este relativo jamais pode ligar dois termos idênticos; constitui grande erro, dizer: “O homem *cujo* (homem) eu vi”. Cabe ao relativo *o qual* unir termos idênticos e não ao relativo *cujo*; portanto, assim deve essa oração ser construída: “O homem que (ou *o qual*) eu vi” (Almeida, 2000, p. 167)

Para crescermos no conhecimento, é preciso pesquisar, ir às fontes, para conseguirmos fundamentar o tema que estamos estudando. Não podemos nos dar por satisfeitos com o que apenas um ou dois estudiosos pensam a respeito de um determinado assunto. Assim, é com respeito a alguém que está doente e precisa de um médico. É preciso ver a opinião de outros para se certificar qual é realmente é sua moléstia.

Quando o assunto aqui é o pronome relativo nas gramáticas de Língua Portuguesa, não podemos nos contentar com a opinião de apenas um gramático. Queremos conhecer o pensamento de pelo menos três. Por isso julgamos que seria interessante, para essa pesquisa, mergulhar nas ideias de três pesquisadores renomados e de grande conhecimento. Queremos ver como eles tratam o pronome relativo e que relativo. São eles: Celso Luft, Evanildo Bechara e Rocha Lima. Precisamos, antes de tudo, saber como esses gramáticos definem os

pronomes relativos. Certamente, será muito enriquecedor conhecer o pensamento desses estudiosos a respeito desse tema tão significativo da nossa Língua Portuguesa.

Luft (2000:114) é bem prático ao definir os pronomes relativos. Em sua *Moderna Gramática Brasileira* diz que os relativos

São os que se referem a um nome ou pronome substantivo anterior – dito antecedente – e encabeçam uma oração adjetiva, substantiva, subordinada a esse antecedente. Daí a dupla função destes pronomes: subordinação e substituição de (pro)nome substantivo. (2000, p. 122)

Vemos que se trata de uma definição bem sucinta. Em praticamente três linhas o autor nos dá seu posicionamento sobre o relativo. Luft apresenta-nos, de forma bem clara, as funções exercidas pelos pronomes relativos. Mais adiante iremos exemplificar com os exemplos que Luft nos dá. Eles são muito práticos e fáceis de compreender.

Bechara (2004: 171) é mais restrito que Luft. Em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, ele define assim o pronome relativo: “São os que normalmente se referem a um termo anterior chamado antecedente.” Como podemos perceber, Bechara é econômico nas palavras para definir o pronome relativo. Aos poucos vai clareando cada vez melhor o que vem a ser o pronome relativo, tema desta pesquisa, pois essa informação já nos remete às funções importantes do pronome relativo. Vamos ao exemplo que Bechara dá para nossa compreensão: “Eu sou o freguês *que* por último compra o jornal”.

Vemos com clareza, por esse exemplo, que o *que* está se referindo à palavra *freguês* e não a outra. O pronome, portanto, executa aquilo que o gramático aponta em sua definição, “refere a um termo anterior”, antecedente. Evanildo Bechara é mais enfático ao explicar as funções do pronome relativo:

O pronome relativo *que* desempenha dois papéis gramaticais: além de sua referência ao antecedente como pronome, funciona também como transpositor de oração originariamente independente a adjetivo e aí exercer função de adjunto adnominal deste mesmo antecedente. No exemplo, a oração *O freguês compra por último o jornal* é degradada a função de adjunto adnominal na oração complexa: Eu sou o freguês [que por último compra o jornal]. (2004:171)

Bechara levanta uma questão muito relevante ao fazer menção de que o pronome relativo também atua como transpositor oracional. Mais adiante iremos aprofundar um pouco mais esta questão, embora já agora possamos esboçar esse assunto, fazendo uso das palavras desse gramático. Diz ele que “o transpositor pronome relativo *que* difere do transpositor



conjunção integrante porque este não exerce sempre função sintática na oração em que está inserido, enquanto o relativo exerce sempre função sintática. (2004, p.171)

De acordo com Luft, são estes os pronomes relativos:

PRONOMES RELATIVOS						
VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS		
Substantivo e adjetivos				Substantivos		Advérbios
Masculino		Feminino		Neutro	masculino ou feminino	
singular	plural	singular	plural			
o qual	os quais	a qual	as quais	que		como
cujo	cujos	cuja	cujas	o que quanto	quem	onde
-	quantos	-	quantas		-	quando

Adaptado de LUFT, (2000, p. 123).

No quadro apresentado por Luft, os pronomes relativos estão bem especificados e divididos: os que exercem as funções de substantivos e adjetivos – variáveis/invariáveis. Nos invariáveis, temos o caso neutro, e, nos advérbios, temos o *como*, *onde* e *quando*. Nesse sentido, vemos que o gramático busca sintetizar de forma bem clara, favorecendo a compreensão do estudante.

Segundo Bechara, são estes os pronomes relativos: *qual*, *o qual* (*a qual*, *os quais*, *as quais*), *cujo* (*cuja*, *cujos*, *cujas*), *que*, *quanto* (*quanta*, *quantos*, *quantas*), *onde*.

Como podemos notar, Bechara optou por apenas citar os pronomes sem se preocupar em classificá-los como fez o gramático anterior. Além disso, estão ausentes, em Bechara, o neutro, o *quem* e os que assumem função sintática de advérbios: *como* e *quando*. Na verdade, isso não significa que Bechara os excluiu de sua lista ou não os reconhece como pronomes relativos, pois eles são apresentados e estudados por ele em situações oracionais que veremos mais adiante.

Queremos ver, ainda, o pensamento de Rocha Lima (2008, p. 116, 330-334). Em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, diz-nos que “os pronomes relativos são palavras que representam, numa oração, o sentido de um termo ou da totalidade de uma oração anterior. Eles não têm significação própria; em cada caso representam o seu antecedente”. (2008, p. 116). Como podemos ver, Rocha Lima não faz menção da dupla função do pronome relativo, tais como o fizeram os dois últimos gramáticos, embora nos dê exemplos de orações em que aquelas funções mencionadas por Luft e Bechara se fazem presentes.

Rocha Lima apresenta-nos o seguinte exemplo em que confirma o que disse na definição do relativo: “Havia a escola, *que* era azul e tinha um mestre mau, de assustador pigarro”. Está claro nesse exemplo que o *que* significa *escola*.

Segundo Rocha Lima, são estes os pronomes relativos: *que, quem; quanto, quanta, quantos, quantas; cujo, cuja, cujos, cujas; o qual, a qual, os quais, as quais*.

O que nos chama atenção na lista destes dois gramáticos é a presença do pronome *onde*, pois na lista de Rocha Lima ele não está, embora apresente as funções de *onde* em sua gramática. Ele o apresenta como *pronome-advérbio*. Vemos também que a exemplo de Bechara, e diferentemente de Luft, Rocha Lima apenas cita os pronomes relativos.

Depois de fazermos uma rápida, mas importante comparação entre os gramáticos acima no que respeita a definição dos pronomes relativos, nossa preocupação volta-se, agora, para o emprego deles. Começamos nossa análise fazendo uma leitura comparativa, dos pronomes relativos, entre os três gramáticos citados no início deste capítulo.

Celso Luft (2000, p. 122-123) explana os pronomes relativos e seu emprego da seguinte maneira: a) substantivos: *que, quem, o qual* (e flexões), *o que, quanto* (precedido de *tudo*) e *quantos* (precedido de *todos*); b) adjetivos: *cujo* (e flexões = *do* ou *da qual... o, de que...o*); *o qual* (e flexões), quando se lhe segue nome (que é o antecedente repetido); c) advérbios: *como* (= *com que* – precedido de palavras como *maneira, modo, etc*); *onde* (= *em que* – precedido de palavras de lugar; *quando* (= *em que* – precedido de palavra de tempo: *a hora/o dia quando*).

Há alguns relativos sem antecedente que alguns autores chamam *relativos indefinidos*: *que, quem, quanto, como, onde*. De acordo com Luft, o mais adequado é classificá-lo como *relativos sem antecedente*.

Como podemos perceber, os pronomes relativos desempenham dupla função no período por representarem um determinado antecedente e introduzirem uma oração subordinada adjetiva. Assim, esses pronomes desempenham sempre uma função sintática nas orações a que pertencem. Podem ser sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, adjunto adnominal, complemento nominal, adjunto adverbial, agente da passiva.

Esta é a forma como Luft encaminha os pronomes que desempenham as funções sintáticas citadas acima, ao passo que Bechara (2004, 486-493), como veremos a seguir, é mais explicativo e alarga mais a sua explanação desses relativos.

Segundo o gramático, o pronome “o *qual* – e flexões que concordam em gênero e número com o antecedente - substitui *que* e dá à expressão mais ênfase. Para maior vigor ou clareza, pode-se até repetir o antecedente depois de *o qual*”. Exemplo: Ao livro ninguém fez referência, o qual livro merece a maior consideração, no meu entender.

É preciso ainda considerar, segundo Bechara, que, “se usa *o qual* (e flexões) em lugar de *que*, principalmente quando o relativo se acha afastado do seu antecedente e o uso deste último possa dar margem a mais de uma interpretação” (2004, p. 199).

Bechara dá o seguinte exemplo: O guia da turma, *o qual* nos veio visitar hoje, prometeu-nos voltar depois.

Como podemos notar, esta oração, com o emprego de *que* o sentido ficaria ambíguo. Bechara reforça o que expôs acima, quando fala sobre a posição do relativo. Ele diz que

normalmente o *que* vem junto do seu antecedente; quando isto não se dá e o sentido da oração periga, desfaz-se a dúvida com o emprego de *o qual*, de *e este* ou se repete o antecedente, ou se põe vírgula para mostrar que o relativo não se refere ao antecedente mais próximo. (2004, p. 488).

Um exemplo que justifica o que foi dito por Bechara pode ser visto em “*Arrastaram o saco para o paiol e o paiol ficou a deitar fora*” (CN.1,12).

A oração acima também poderia ser dita das seguintes maneiras, conforme o autor: a) arrastaram o saco para o paiol que ficou a deitar fora; b) arrastaram o saco para o paiol o qual ficou; c) arrastaram o saco para o paiol e este ficou...

Rocha Lima, contrastando Bechara, não dedica espaço em seu livro para falar especificamente sobre o relativo *o qual*. Fala, todavia, das diversas funções do *que*. Ele explica dizendo

*que* é pronome de referência a pessoas, ou coisas, e corresponde, quanto ao sentido, a o qual, a qual, os quais, as quais, embora nem sempre estes possam substituir aqueles, e vice-versa. Além de elemento de ligação oracional, exerce função no corpo da oração adjetiva (2008, p. 330-334)

O pronome *quem*, segundo Bechara, emprega-se “sempre com referência a pessoas ou coisas personificadas [...]. Esse pronome só é empregado precedido de preposição. Exemplos: a) *Ali vai o professor a quem ofereci o livro (objeto indireto)*; b) *Apresento-te o amigo a quem hospedei no verão passado (objeto direto)*; c) *As companhias com quem andas são péssimas (adjunto adverbial)*; d) *O amigo por quem fomos enganados desapareceu (agente da passiva)*.

Quanto ao pronome *quem*, Rocha Lima o define assim: “embora tenha por antecedente, no português atual, propriamente a pessoa, podia também referir-se a coisas” (2008, p. 332). O que difere do que Bechara diz do *quem* está no fato de Rocha Lima afirmar que o *quem* “podia” também referir-se a coisas, enquanto que Bechara é mais incisivo nesse ponto ao afirmar sua convicção de que de fato o *quem* é empregado também com referência a pessoas.

Além das funções do *quem* apresentadas acima, de acordo com Rocha Lima, “pode equivaler-se a ninguém que”: “Zombam. Não há quem dele se condoa!”. Ainda, segundo o gramático, deve-se evitar “o emprego de *sem quem*, desagradável ao ouvido; *sem o (a) qual* – é a expressão conveniente. (2008, p. 332).

Como vimos em Luft, os pronomes são classificados obedecendo as funções sintáticas que desempenham nas orações: substantivos, adjetivos e advérbios. Isso precisa ficar bem entendido porque nos ajuda a interpretar corretamente os enunciados, impedindo-nos de obscurecer sua mensagem.

Bechara, em sua gramática, apresenta as particularidades sobre as orações transpostas adjetivas. Mostra-nos as funções sintáticas do relativo das orações adjetivas. Desta feita, ele nos fala que “as orações adjetivas iniciam-se por pronome relativo *que*, além de marcar a subordinação, exerce uma função sintática da oração a que pertence.”(2004, p. 486). Podemos ver isso mais claramente no exemplo citado pelo autor: “Há enganos que nos deleitam, como desenganos que nos afligem”. [MM]

Pelo exemplo acima vemos que

os dois *quês* exercem funções sintáticas na oração subordinada que iniciam. O primeiro é sujeito de *deleitam* (que nos deleita? – *enganos*, representado na oração subordinada pelo *que*); o segundo é sujeito de *afligem* (que nos aflige? – *desenganos*, representado na oração subordinada pelo *que*.) (2004, p. 486).

Bechara alerta para o fato de que “a função sintática do pronome relativo nada tem a ver com a função do seu antecedente; ela é indicada pelo papel que desempenha na oração subordinada a que pertence”(2004, p. 486). É com razão que podemos dizer, com essa declaração do gramático, que enganos e desenganos, no exemplo acima, são objetos diretos, visto que a oração não tem sujeito, pois o verbo *haver* = *existir* é impessoal e os *quês* são sujeitos.

Convém sublinhar que, quando o *que* não estiver precedido de preposição, pode exercer as seguintes funções sintáticas nas orações: sujeito, objeto direto ou predicativo. Vejamos alguns exemplos: a) *O aluno que estuda aprende (sujeito) – (que = sujeito de o aluno)*; b) *A revista que lemos é instrutiva (objeto direto) – (que = obj. direto de é instrutiva)*; c) *Somos o que somos (predicativo) – (que = predicativo de somos)*.

É preciso lembrar, também, que o *que* precedido de preposição necessária, pode exercer funções como objeto indireto, complemento relativo, adjunto adverbial ou agente da passiva.

Rocha Lima é mais resumido ao se referir às funções sintáticas do relativo *que*, precedido das preposições *a, com, de, por*, ou seja, não entra em detalhes com explicações. Apenas cita as preposições correspondentes, sem explicitar qual função exercem na oração. Somente diz que “a variedade das funções sintáticas de *que* (relativo) impõe correspondente multiplicidade de preposições” (2008, p. 330).

Bechara faz referência ao relativo universal. É o que ocorre muitas vezes na linguagem coloquial e na popular. Elas despem o relativo de qualquer função sintática, tomando-o por simples elemento transpositor oracional. A função que deveria ser exercida pelo relativo vem mais adiante expressa por substantivo ou pronome. Exemplos: a) *O homem que eu falei com ele em vez de: O homem com quem (ou com que) eu falei*. b) *A amizade é coisa que nem sempre sabemos seu significado em vez de: A amizade é coisa cujo significado nem sempre sabemos*.

Do ponto de vista de Bechara, “embora a língua padrão recomende o correto emprego dos relativos, o relativo universal se torna, no falar despreocupado, um elemento linguístico extremamente prático” (2004, p. 492).

É preciso lembrar, também, que o pronome relativo *que* muitas vezes é empregado sem função na oração em que se encontra. Podemos perceber isso mais claramente nos seguintes exemplos: a) *Ali está o homem que eu falei que tivesse desaparecido*; b) *Não faça a outrem o que queres que te façam*.

Nas expressões acima, como podemos perceber,

o pronome relativo *que* inicia as orações *que eu pensei*, *que não queres*, dando-lhe o caráter de adjetivas, mas não exerce nelas função sintática; pertence, isto sim, às orações substantivas *que tivesse desaparecido* ou *que te façam*, das quais é o sujeito (na 1ª) e objeto direto (na 2ª). Cuidado especial há de ter-se no que toca a concordância, pois o escritor inexperiente logo opta por flexionar o verbo: (...) distinção adiada *sine die* por motivos que não vem (e não vêm no plural) apelo declarar. (2004, p. 489)

Não é errado falar desse modo. Trata-se de uma construção coerente. No entanto, pode-se evitar a repetição dos *quês*, bastando apenas substituir o verbo da oração substantiva por um infinitivo: “Ali está o homem que eu pensei ter desaparecido”.

É necessário darmos uma atenção especial ao relativo *cujo*, que indica ideia de posse: seu antecedente é possuidor daquilo a que o pronome se refere. O pronome concorda em gênero e número com a coisa possuída. Observemos o seguinte exemplo, apresentado por Luft: a) *O escritor cujo nome citei é francês*. Podemos desmembrar esse período em duas orações: - O escritor é francês. - Eu citei o nome do *escritor* (o nome de esse escritor).

Segundo Luft (2000, p. 123), *cujo* substitui os elementos representados acima em itálico: o antecedente (substantivo), regido da preposição *de* (que exprime posse, referência) e o artigo definido, como determinante do conseqüente (diferente do antecedente).

Pouca atenção parece ser dada, pelos gramáticos, ao pronome *cujo*. Bechara e Rocha Lima, assim como Luft, não dispensam muitos comentários a respeito desse pronome. No entanto, ele desempenha uma função sintática muito significativa nas orações. Bechara (2004, p. 487) encaminha o relativo *cujo* e flexões (*cujo, cujos, cuja, cujas*) do seguinte modo:

*Cujo(s), cuja(s)* – precedido ou não de preposição – valem sempre *do qual, da qual, dos quais, das quais* (caso em que a preposição *de* tem sentido de posse) e funcionam como adjunto adnominal do substantivo seguinte com o qual concordam em gênero e número. Ainda, segundo o gramático, o sintagma a que *cujo* pertence exercerá a função que determinar sua relação com o núcleo verbal. Assim, por exemplo, “*O homem cuja casa comprei embarcou ontem*” (= *a casa do qual*); “*Terminei o livro sobre cuja matéria tanto discutíamos*” (= *sobre a matéria do qual*), onde *cuja casa* é objeto direto de *comprei* e *sobre cuja matéria* é complemento relativo de *discutíamos*.

É preciso observar, no entanto, alguns erros que são cometidos no emprego de *cujo*. Esses precisam ser evitados. Constitui, portanto, erro empregar *cujo*: a) *como sinônimo de o qual, a qual, os quais, as quais*: *Aqui está o livro cujo livro compramos* (= *o qual*); b)

*precedido ou seguido de artigo: Este é o autor à cuja obra te referiste (Não há acento indicativo da crase). Compramos os livros de cujos os autores nos esquecemos.*

Rocha Lima, por sua vez, o chama de pronome adjetivo analiticamente desenvolvido em *do qual, da qual, dos quais, das quais*, com os seguintes acréscimos: *de quem, de que*. O estudioso também concorda com Bechara ao dizer que não há crase no regime preposicional de *cuja(s)*, por isso que o relativo não pode ser determinado, como nos mostram os exemplos a seguir: a) *Homens a cuja probidade tudo confiamos*; b) *Tribunal a cujas decisões devemos respeito*.

Quanto às funções do relativo *onde*, chama-nos a atenção o fato de Luft não tecer maiores comentários sobre ele, classificando-o como um dos relativos sem antecedentes. Nesse grupo, segundo Luft, também estão os seguintes relativos: *que, quem, quanto, como*. Como podemos ver, pouco ou quase nada o gramático fala sobre o relativo *onde*.

Bechara, contrariando Luft, é um pouco mais atento e explora com mais profundidade o relativo *onde*, atribuindo-lhe outras funções, quando fala sobre o emprego de relativos. “Em lugar de *em que, de que, a que*, nas referências a lugar, empregam-se respectivamente, *onde, donde, aonde* (que funcionam como adjunto adverbial ou complemento relativo” (2004, p. 487). Eis alguns de seus exemplos: a) *O colégio onde estudas é excelente*; b) *A cidade donde vens tem fama de ter bom clima*; c) *A praia aonde te diriges parece perigosa*.

Em Rocha Lima o pronome *onde* é visto como pronome-advérbio, locativo, com sentido equivalente a *lugar em que, no qual*, etc. Ainda, segundo o gramático, é preciso distinguir entre *onde* e *aonde*, uma vez que “a linguagem culta moderna insiste em distingui-los: *onde* exprime estabilidade; *o lugar em que*” (2008, p. 334). Exemplo: a) *A cidade onde moro é linda* = *A cidade em que moro é linda*. b) *Todos procuram saber onde a Vera Fischer está* = *Todos procuram saber o lugar onde a Vera está* = *Todos procuram saber o lugar em que a Vera está*.

Como podemos perceber, o pronome relativo *onde* significa *o lugar onde*, o que pode ser dito igualmente como *o lugar em que*, ou simplesmente *em que* quando há um antecedente explicativo: *o lugar em que / a rua em que [estamos]*. Ou seja, *onde* pode ser substituído por *em que*. Quanto ao pronome *aonde*, indica movimento, lugar a que: *Conheço a cidade aonde você irá (aonde = a que)*.

Tendo feito esta comparação, podemos “concluir” que falar e escrever empregando adequadamente os pronomes é uma arte. Para torná-la sempre em evidência, há que se exercitar muito na leitura e na escrita. É como uma academia, onde exercitamos nossos músculos para não se atrofiarem, perdendo a força e a beleza. Assim também nossos enunciados ficarão capengas, sem nexos, fragilizados se não empregarmos corretamente os pronomes.

Foi importante fazermos esta comparação entre estes três gramáticos porque deu-nos uma clareza ainda maior a respeito dos relativos no português. O saldo de realizações será muito significativo se conseguirmos transmiti-los com toda clareza aos nossos alunos. Por isso, nenhum esforço nesse sentido será em vão, pois sobre nós, professores, pesa esta responsabilidade e, acima de tudo, é um privilégio poder colaborar com a sociedade na transmissão do saber.

Passemos a seguir a verificar o pronome relativo nos livros didáticos.

## 2.2 O Relativo nos Livros Didáticos

Nossa intenção agora é refletir sobre o pronome relativo nos livros didáticos. Queremos ver como ele é aplicado no ensino. Para isso, iremos tomar como exemplo três autores: Emília Amaral, et al. – *Novas Palavras: Português*, volume único; livro do professor; PEREIRA, Helena Bonito; PELACHIN, Marcia Maisa: *Na trama do Texto: Língua Portuguesa*; Ulisses Infante: *Textos: Leituras e escritas: literatura, língua e produção de textos*. Sabemos que há muitos livros didáticos. No entanto, escolhemos estes três por serem largamente usados no Ensino Médio.

No primeiro livro indicado, de autoria de Emília Amaral, vemos uma definição bem simples do pronome relativo: “aquele que retoma um substantivo (ou outro pronome) já citado numa oração, substituindo-o no início da oração seguinte”(2003, p. 402). Ela passa, então, às funções dos pronomes, iniciando com o *que*. Quanto a esse relativo, a autora diz que “esse pronome pode retomar palavras que nomeiam pessoas ou coisas”(2003, p. 403). Então, menciona apenas duas orações em que essa função é exercida: “O rapaz *que* chegou agora é nosso vizinho”. “Minha alegria, *que* já era grande, aumentou”. Mas nada é dito que o relativo



*que* abre outra oração, encabeçando, dessa forma, as orações subordinadas adjetivas. Muito vago para almejar que os alunos saibam empregá-lo adequadamente.

Sobre o *quem*, para a autora, esse pronome somente é usado para retomar palavras que designam pessoas. Quanto aos relativos *cujo*, *cuja*, *cujos*, *cujas*, diz apenas que eles são usados entre dois substantivos, estabelecendo entre eles uma ideia de posse.

Quanto aos pronomes *onde*, *aonde*, segundo a autora essas duas formas sempre indicam *lugar* e têm empregos diferentes: *onde*: indica lugar *em que*. *Aonde*: indica lugar *a que*.

Apesar de a autora exemplificar com frases o emprego dos relativos, consideramos muito superficial os apontamentos em seu livro didático, haja vista a importância que o mesmo exerce nas orações e nos enunciados.

O livro didático *Português na trama do texto*, cujas autoras são Helena Bonito Pereira e Márcia Maisa Pelachin (2004), não define pronome relativo. Trata somente dos empregos do pronome. Não explora a aplicação prática, tornando o estudo desses pronomes muito superficial. O livro apenas apresenta os exemplos a seguir com pequena explicação. Vejamos os exemplos: a) *A casa onde moro é velha.* – pronome relativo que só pode se referir a lugar, espaço físico; b) *As pessoas com quem tenho falado não revelam seu voto.* – pronome relativo que se refere apenas a pessoa; c) *Os países cujos presidentes estavam ausentes enviaram telegramas de pêsames.* – pronome relativo com valor possessivo; d) *O jovem com quem simpatizei um dia tornou-se um velho impertinente* – pronome relativo com função de objeto indireto (preposição obrigatória); e) *As lojas em que procurei o presente tinham preços altíssimos.* – pronome relativo com função de adjunto adverbial de lugar (preposição obrigatória).

Quanto às funções do pronome relativo vê-se claramente que pouca atenção é dada ao pronome *cujo* e sua função nas orações. Para não passar totalmente em branco, as autoras citam um exemplo: “Os jornais *cujas* manchetes foram citadas têm grande circulação”. Nesse exemplo, o relativo *cujo* exerce a função de adjunto adnominal. Foram citadas manchetes dos jornais, ou seja, manchetes deles, suas manchetes.

Como se pode perceber, o livro didático que acabamos de analisar é muito vago nas informações a respeito dos pronomes relativos. Elas não são suficientes para que os alunos compreendam tais pronomes.

O livro didático *Textos: Leituras e Escritas*, de autoria de Ulisses Infante, apesar de não dar uma definição de pronome relativo, do meu ponto de vista, é o que melhor se situa entre os três livros até aqui analisados. É mais didático e explica as funções dos pronomes com exemplos bem claros. Sem meias palavras, o autor diz o seguinte sobre o relativo *que*: “Já sabemos que o pronome relativo *que* é chamado relativo universal por ser largamente empregado. Pode ser usado com referência a pessoa ou coisa, no singular ou no plural” (2005, p. 562). E então passa a exemplificar as funções sintáticas exercidas por ele.

Sobre o pronome relativo *quem*, diz que o mesmo refere-se a pessoa ou a coisa personificada, no singular ou no plural. É sempre precedido de preposição, podendo exercer diversas funções sintáticas.

A respeito de *o qual* e flexões, diz que são usados com referência a pessoa ou coisa por motivo de clareza ou depois de determinadas preposições. Podem desempenhar as mesmas funções que o pronome *que*.

Sobre *cujo*, *cujos*, *cuja*, afirma que *cujas* equivalem a *de que*, *do qual* (e suas flexões) *de quem*. Essas formas estabelecem normalmente relação de posse entre o antecedente e o termo que especificam, atuando como adjunto adnominal e complemento nominal.

Para o autor, *onde* é pronome relativo quando tem o sentido aproximado de *em que*: deve ser usado, portanto, na indicação de lugar, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de lugar.

O autor chama atenção para o fato de que há a tendência na língua portuguesa atual para o uso de *onde* como um verdadeiro relativo universal. Então, de acordo com sua observação, surgem frases como: “*Vai ser uma partida difícil, muito disputada, onde nós vamos tentar conseguir mais um resultado positivo*”, ou ainda: “*Tem faltado apoio, onde nós temos enfrentado muitas dificuldades*”.

É preciso cuidar, no entanto, seja na língua escrita ou falada restringir o uso de *onde* aos casos em que há indicação de lugar. Quando não houver essa indicação, deve-se preferir *em que* ou *no qual* e suas flexões.

Analisando esses três livros didáticos, especialmente, no que tange aos pronomes relativos, percebemos grandes lacunas. Não há a preocupação de estudá-los a partir do texto, mas sim, de frases soltas, o que não coopera para uma reflexão mais séria por parte dos alunos. Pronomes como o *cujo* está em desuso, e quase desaparecendo, sem ao menos refletir

sobre sua importância. Pois sabemos que o ensino dele na sala de aula ajudará os alunos a compreenderem o adjunto adnominal na nossa língua portuguesa.

Ao concluir esta parte, vemos que o professor não pode limitar-se apenas àquilo que os livros didáticos trazem a respeito dos pronomes relativos. Ele precisa ser incansável na busca por mais informações sobre esse assunto. Estará mais bem preparado para transmitir o conteúdo sobre o pronome relativo o professor que pesquisar em mais de uma gramática para estar em condições de dominar esta parte tão significativa da língua portuguesa. E, de posse desse conhecimento, transferi-lo aos alunos que, por sua vez, serão os portadores desse saber, aplicando-o em seus textos escolares.

## **Considerações finais**

Após este estudo, em que retomamos o pronome relativo no latim, nas gramáticas da Língua Portuguesa e nos livros didáticos, precisamos refletir sobre como ensiná-lo aos alunos para que obtenham o máximo proveito e aprendam a empregá-lo corretamente em seus textos, tornando-os claros e compreensíveis.

Numa breve análise feita do pronome relativo em três livros didáticos, deu para perceber que este pronome não é estudado à exaustão. Pouca atenção é dada aos pronomes *cujo* e *onde*, por exemplo. Essa lacuna manifesta-se nas redações escolares. Os alunos, com frequência, cometem grandes deslizes ao empregá-los. Para corrigir essa falha, o professor de língua portuguesa terá de insistir a fim de repassar esse conhecimento aos alunos. É preciso insistir, pois só assim poderão se tornar capazes de dominar claramente um conteúdo tão significativo da nossa língua.

Como ensinar o pronome relativo na sala de aula? Do meu ponto de vista, o professor precisa ensiná-lo de forma criativa a fim de ganhar a atenção dos seus alunos. Passamos, por isso, a apresentar, a seguir, uma estratégia de como esse ensino poderia ser feito. Dividiremos em seis momentos:

1º) Para despertar a atenção dos alunos, o professor, sem anunciar qual é o tema a ser estudado na aula, distribuirá aos alunos um texto extraído de jornal ou revista, (deve ser um texto cujo conteúdo seja do interesse deles) contendo várias lacunas, e solicitará que o leiam.

2º) Esse exercício os levará a perceber que a mensagem do texto está truncada, obscura. Por isso, o professor questionará os alunos sobre o que está faltando nele para torná-lo compreensível. Espera-se que respondam que é o pronome relativo, o que certamente acertarão. Nesse momento o professor pode dizer, então, que o assunto que será estudado na aula é o pronome relativo.

3º) Em seguida, o professor poderá pedir-lhes que completem as lacunas com o pronome adequado. O exercício será corrigido em conjunto, e, assim, o tema da aula estará encaminhado.

4º) Na sequência, será apresentado pelo professor o quadro completo dos pronomes relativos, explicitando as várias funções sintáticas que exercem nas orações. Estas podem ser: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial.

5º) O professor então lhes dirá que, para elaborar corretamente um texto, é fundamental saber empregar os pronomes relativos. Eles podem ser precedidos de preposição, e alguns possuem emprego específico, exemplificando no quadro negro com várias orações.

6º) Após essa parte teórica, será aplicado exercícios de fixação, os quais serão corrigidos em conjunto, para que todas as dúvidas sejam esclarecidas.

Sabemos que o assunto aqui estudado não se esgota com apenas uma aula. Atividades de revisão do conteúdo serão muito importantes. Estas atividades podem ser feitas através de produção textual, de leitura e de reflexão sobre as funções sintáticas dos pronomes relativos nos textos. Além disso, pode-se exercitar a escrita com o emprego adequado dos pronomes.

Algumas reflexões são importantes destacar ao concluir este artigo. Foi uma experiência muito enriquecedora realizar esta pesquisa, pois fez com que eu aprofundasse o meu conhecimento a respeito do tema estudado.

O estudo do pronome relativo no latim ajudou-me a compreendê-lo melhor na língua portuguesa. As considerações feitas sobre o relativo em latim, embora brevemente expostas neste artigo, foram muito importantes, pois mostraram que este pronome desempenha diferentes funções sintáticas, e isso é claramente perceptível em latim devido às diferentes

terminações que o pronome relativo pode ter. Já em português, como se viu, como o pronome tem sempre (ou quase sempre) a mesma forma, é preciso prestar atenção à regência do pronome relativo, ou seja, qual é a função sintática do termo substituído pelo pronome na oração subordinada e se este é ou não regido por preposição.

É preciso dar sempre atenção ao texto. Explorando o texto, chamando atenção para os pronomes e para suas funções, é uma forma de facilitar a compreensão dos alunos sobre esse conteúdo e, certamente, eles terão mais prazer em estudá-lo, se os textos tratarem de assuntos que atraiam sua atenção. Nesse sentido, o professor precisa ser criativo, sempre buscar informações inovadoras, estar sempre atento às novidades e, principalmente, inteirar-se a respeito do que seus alunos estão ouvindo e lendo. Em última análise, é preciso, de tempos em tempos, fazer um diagnóstico para adentrar no mundo em que vivem os alunos e, assim, tomar ciência do que os cerca. Os resultados dessa interação serão gratificantes para todos.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Latina: curso único e completo*. 29. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

AMARAL, Emília et al. *Novas Palavras: Português*, volume único; livro do professor. 2.ed. São Paulo: FTD, 2003.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

INFANTE, Ulisses: *Textos: Leituras e Escritas: literatura, língua e produção de textos*; volume único. São Paulo: Scipione, 2005.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática brasileira*. 14. ed. São Paulo: Globo, 2000.

PEREIRA, Helena Bonito; PELACHIN, Marcia Maisa: *Na trama do texto: Língua Portuguesa*. São Paulo: FTD, 2004.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 47. ed. Rio de Janeiro: José Olympo, 2008.